

Weber e Gramsci: elementos sociológicos para uma teoria da religião

Flávio Munhoz Sofiati¹

Resumo: A proposta deste artigo é discutir um referencial teórico e metódico que sirva como bússola orientadora dos estudos sobre religião. Dessa maneira, apresentam-se os elementos que permitem a utilização de Weber e Gramsci na sociologia da religião. Gramsci é empregado na análise da relação das religiões com a sociedade, isto é, no plano macro, concebendo o aspecto político desse fenômeno (ideologia). A obra de Weber disponibiliza o eixo teórico para análise das relações sociais internas presentes nas religiões, sendo, portanto, utilizado no plano micro das relações e das ações dos indivíduos nas igrejas, em seu contexto histórico (cultura).

Palavras-chave: Teoria Sociológica, Religião e Sociedade, Ideologia, Cultura.

Abstract: The proposal of this article is to discuss methodical and theoretical references for a better strategy on the development of the studies on religion. In order to achieve that development, a joint utilization of Weber and Gramsci is proposed. Gramsci is used in the study of the relations between religion and society, this is, in a macro scale analysis, understanding the political aspect of that phenomenon (ideology). The work of Weber offers the theoretical axis for a analysis of internal social relations in today's religions, being, therefore, an approach, in a smaller scale, of the relations and actions of the individuals in churches, in its historical background (culture).

Keywords: Sociological Theory, Religion and Society, Ideology, Culture.

Introdução

Este artigo busca construir um referencial teórico a partir de dois *corpus* teóricos distintos e com pressupostos diferentes, porém complementares, no que diz respeito à problemática da religião (LÖWY, 2000, ORTIZ, 1980, PORTELLI, 1984).

¹ Doutorando em Sociologia pela USP - Universidade de São Paulo e bolsista FAPESP. Correio eletrônico: flaviosofiati@usp.br

No estudo em sociologia da religião, a utilização das obras de Weber e Gramsci são possibilitadas a partir dos conceitos de cultura e ideologia. Sem abandonar o marxismo, Gramsci outorga um papel mais relevante à superestrutura religiosa, aos valores e à educação (FRIGÉRIO, 1993, p. 78), o que possibilita o diálogo com a sociologia compreensiva de Weber. Assim, o conceito de ideologia é operado a partir da visão gramsciana, tendo como centralidade a noção de visão de mundo e aparelho ideológico. E o conceito de cultura é utilizado na acepção weberiana, tendo as “idéias de valor” como decisivo na definição do elemento cultural. “A ‘cultura’ é um segmento finito do decurso infinito e destituído de sentido próprio do mundo, a que o pensamento conferiu – do ponto de vista do *homem* – um sentido e uma significação” (COHN, 1986, p. 96). Analisemos a seguir esse modelo interpretativo.

O método compreensivo de Weber

O conceito de religião é entendido aqui na perspectiva weberiana, cujo método, na interpretação de Ringer (2004, p. 15), promove a unificação das ciências culturais e sociais, adotando um esquema intrincado e flexível de análise causal singular - desfechos históricos particulares, que são explicados em termos de antecedentes causais específicos - baseado em raciocínios probabilísticos e contrafatuais.

Todavia, importante frisar que não é possível encontrar em Weber uma definição de religião propriamente dita. Isso pelo fato de a ação religiosa estar “orientada para este mundo”, sendo que o objetivo do autor é compreender o sentido dessa ação específica na sociedade. Portanto, o objeto em questão diz respeito à ação comunitária religiosa e seu sentido no mundo, sendo necessário o acompanhamento desse fenômeno numa realidade social, numa determinada realidade concreta.

A ação religiosa é orientada para a sociedade a partir de elementos, práticas e agentes intrínsecos a esse tipo de ação, sendo importante defini-los segundo a tradição weberiana. Os principais são: carisma – “um dom pura e simplesmente vinculado ao objeto ou à pessoa que por natureza o possui e que por nada pode ser adquirido”; espírito – “é algo que confere ao ser concreto sua força de ação específica, que pode penetrar neste e, do mesmo modo, abandoná-lo”; alma - “um ser distinto do corpo, presente nos objetos naturais do mesmo modo como existe algo no corpo humano que o abandona durante os sonhos, o desmaio, o êxtase e na morte”; poderes “supra-sensíveis” – “que podem intervir nos destinos dos homens” que compreende demônios, “poderes sobrenaturais”, e deuses, “um poder que decide sobre o decurso de determinado processo concreto” (WEBER, 2004, p. 280-281). Weber (2004, p.

294) apresenta uma distinção superficial dos poderes supra-sensíveis, afirmando que deuses são “aqueles seres religiosamente venerados e invocados” e os demônios “aqueles forçados e conjurados por magia”.

As principais práticas religiosas são: a oração – “o rezador apresenta ao deus os serviços prestados, esperando contraprestações correspondentes”; o sacrifício – “como tributo” ou como “um ‘castigo’ imposto a si próprio”. Weber afirma que o “afastamento do mal externo e a obtenção de vantagens externas, ‘neste mundo’, constituem o conteúdo de todas as ‘orações’ normais”; o sermão – “ensinamento coletivo sobre coisas religiosas e éticas”; e a cura de almas – “assistência religiosa aos indivíduos” (WEBER, 2004, p. 292-293, 318).

Os principais agentes da ação religiosa são: profeta – “um portador de ‘revelações’ metafísicas ou ético-religiosas”, “o portador de um carisma puramente pessoal, o qual, em virtude de sua missão, anuncia uma doutrina religiosa ou um mandado divino”; sacerdote – “funcionários profissionais” (...) “de uma empresa permanente”; mago/feiticeiro – “uma pessoa carismaticamente qualificada” para a manipulação dos elementos mágicos; e o leigo – pessoa não qualificada para manipulação e apenas um adepto dos elementos mágicos e religiosos (WEBER, 2004:, p.280, 294-295, 303). Enquanto o sacerdote reclama autoridade por estar a serviço de uma tradição sagrada e distribui os bens de salvação em virtude de seu cargo, o profeta desfruta de um dom pessoal e sem vínculo com estrutura ou instituição.

Na perspectiva de Weber (2004, p. 307-308), a característica decisiva da figura do profeta está na idéia da anunciação de uma verdade religiosa de salvação relacionada à revelação pessoal. Essa verdade religiosa pode provir de uma “profecia ética”, com o anúncio de um deus e a vontade dele em exigência de um dever ético de obediência, ou uma “profecia exemplar”, com o anúncio sendo feito a partir do próprio exemplo do profeta que apresenta um caminho a ser seguido em direção à salvação. O profeta tem sua importância na ação religiosa pelo fato de propagandear “uma visão homogênea da vida”. “A vida e o mundo, os acontecimentos sociais e os cósmicos têm, para o profeta, determinado ‘sentido’, sistematicamente homogêneo, e o comportamento dos homens, para lhes trazer salvação, tem de se orientar por ele e, sobre esta base, assumir uma forma coerente e plena de significado” (WEBER, 2004, p. 310).

Outro ponto importante da ação religiosa diz respeito à relação do sacerdote com seu deus acerca da eficácia de seus poderes sobrenaturais. Essa atitude significa a

passagem da noção de “coação sobre o deus” para o “serviço ao deus” e provoca um aumento gradual das exigências éticas aos deuses. Entretanto, há ao mesmo tempo “a crescente importância da vinculação ética do indivíduo a um cosmos de ‘deveres’ que”, segundo Weber (2004, p. 298), “tornam seu comportamento previsível”.

Nesse processo, elabora-se uma ética religiosa que apresenta “agora a observância da lei religiosa como meio específico de conquistar a benevolência do deus”. Com essa nova ética, busca-se eliminar aquelas maneiras, vistas agora como primitivas, de influenciar os poderes supra-sensíveis. Portadora de um caráter “racional-ético” e ao mesmo tempo “cósmico”, a ética religiosa é o código que garante a regularidade e o ordenamento dos acontecimentos universais.

A noção de pecado é a principal novidade no surgimento da ética religiosa e o centro da ação religiosa no interior das comunidades de fé, isto é, das igrejas. Ao desvincular o poder do deus da situação do fiel na terra, esse novo código consolida a idéia da necessidade de os seres terrestres se vincularem à leis, regras e dogmas estabelecidos a partir e pelos seres supra-sensíveis. Os indivíduos devem agora buscar a “piedade de deus” para alcançar a salvação.

Weber (2004, p. 358-385) apresenta uma tipologia dos caminhos da salvação a partir de duas vertentes: salvação como obra pessoal do salvo e salvação como obra divina. A primeira pode ser alcançada sem qualquer ajuda de poderes sobrenaturais de diferentes maneiras: a) a partir de uma “religiosidade de devoção ritualista”, no qual a salvação está na espiritualidade praticada pelo indivíduo: trata-se de uma devoção sentimental sem influência sobre a vida cotidiana; b) a partir de obras sociais: a “boa obra” ou “obras de amor ao próximo”, no qual a salvação passa pelo trabalho da pessoa na comunidade, sendo religiosamente qualificado e socialmente orientado; c) a partir do “auto-aperfeiçoamento”: trata-se da elaboração de um “método de salvação”, sendo seu objetivo alcançar “cada vez mais a transformação da embriaguez aguda, alcançada mediante a orgia, num hábito possuído crônica e, sobretudo, conscientemente”. A idéia de auto-aperfeiçoamento traz consigo a noção do distanciamento do não-divino, pois este método de salvação é dirigido à posse do divino no mundo. O não-divino é tudo aquilo que se refere ao “hábito cotidiano do corpo humano e o mundo cotidiano tais como são dados pela natureza”. Trata-se, portanto, da “salvação soteriológica”, na qual é criado um método para a condução da vida cotidiana segundo os moldes da doutrina religiosa da comunidade de fé, no qual se dá a “rejeição do mundo”.

A segunda forma de alcançar a salvação, a partir da obra divina, contempla

a idéia do salvador divino que desce à Terra em defesa dos homens. Weber afirma que “nasce sobre o solo dos mitos de salvação um salvador que liberta os homens do poder dos demônios (como Cristo) ou da servidão”. Para dar continuidade à ação divina salvadora é criada uma comunidade institucional como forma de dispensar continuamente a graça. Weber afirma que a graça institucional atua por meio de sacramentos e “em virtude da disposição que lhe foi concedida sobre o tesouro das obras santificantes excedentes de seus funcionários ou adeptos” (WEBER, 2004, p. 374).

O cenário apresentado por Weber permite compreender “o efetivo alcance da significação que os conteúdos de consciência religiosos tiveram para a conduta de vida” no sentido de entender o efeito prático da religião, o efeito da religiosidade na vida do fiel. Assim, diante do que foi apresentado até aqui, pode-se afirmar que em Weber (2004, p. 281, 298 e 319), a proposta religiosa tem em seu domínio a regulação da ação entre os poderes sobrenaturais (almas, deuses e demônios), sendo que os elementos específicos do serviço divino são de origem mágica. Cabe à religião definir o “comportamento correto” do fiel perante a sociedade e à própria Igreja, considerando que a observância da lei religiosa é o meio específico de conquistar a benevolência dos deuses. Ele compreende que a tarefa da religião é resolver as necessidades objetivas do fiel no mundo circundante. Assim, a atitude do indivíduo se torna previsível na medida em que se vincula a um “cosmos de deveres” ditados pela religião.

As principais contribuições de Gramsci

Os escritos mais substanciais de Gramsci sobre religião são encontrados nos *Cadernos do Cárcere*, principalmente no seu 4º volume da edição brasileira editada por Carlos Nelson Coutinho. Apesar de sua natureza fragmentária e pouco sistematizada, contém observações profundas sobre o tema. Ele escreve sobre o fenômeno religioso durante todo o período em que esteve preso pelo regime fascista, mas é entre os anos de 1934 e 1935, portanto no final do cárcere e conseqüentemente no final de sua vida, que sistematiza seus escritos no Caderno 20.

Nesse caderno, encontram-se sua chave metodológica de análise e o enfoque dado ao acompanhamento histórico dos intelectuais religiosos, além da descrição das lutas travadas entre as forças internas presentes na Igreja Católica. Seu estudo nos remete à necessidade de verificar a origem social dos padres e pastores, além da importância de diferenciar a realidade histórica de cidades da capital e do interior de um mesmo país (GRAMSCI, 2001, p. 174, 178, 185).

Gramsci, apesar de marxista, foi um leitor assíduo de *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* de Weber e utilizou esse estudo para combater a visão economicista do marxismo². Ele utiliza Weber para exemplificar a passagem de uma visão do mundo determinada para uma norma prática de comportamento. No Caderno 20 apresenta alguns elementos para a definição de religião³:

No conceito de religião, portanto, estão pressupostos os seguintes elementos: 1º) a crença de que existam uma ou mais divindades pessoais que transcendem as condições terrestres temporais; 2º) o sentimento dos homens de que dependem destes seres superiores que governam totalmente a vida do cosmo; 3º) a existência de um sistema de relações (culto) entre os homens e os deuses (GRAMSCI, 2001, p. 209-210).

A análise gramsciana tem como foco as funções sociais, ideológicas e políticas que a religião desempenha na sociedade, principalmente o aspecto político da atuação religiosa. A partir da noção de Marx, apresenta a religião como uma instituição portadora das contradições que perpassam a sociedade de classe, ora como força revolucionária, ora como expressão da alienação das massas. Todavia, supera-o ao apresentar uma noção diferenciada de ideologia, como visão de mundo, criticando a noção economicista de análise do fenômeno ao afirmar que a superestrutura religiosa não é mecanicamente determinada pela infra-estrutura econômica, e, por fim, ao destacar o papel dos intelectuais religiosos e as contradições internas no processo histórico da Igreja Católica. O intelectual para ele é o sujeito capaz de formular uma interpretação coerente do mundo e orientar a ação, numa sociedade marcada pelas diferenças e divisões sociais.

Nos Cadernos identificam-se dois pontos da análise religiosa: 1) uma crítica da religião como crença numa divindade transcendente e como alienação das massas; 2) um estudo da relação cultural e das práticas religiosas no cenário social. Um esboço de conjunto dessa teoria, encontrada de forma esparsa nos Cadernos, foi elaborado por Hugues Portelli em *Gramsci e a questão religiosa*. Esse autor desenvolve um estudo de envergadura que supera a idéia de um resumo dos principais conceitos de Gramsci, esclarecendo seu pensamento com nova luz. Portelli (1984, p. 15) afirma que, nos Cadernos, o fenômeno religioso é um dos temas essenciais da reflexão gramsciana.

2 Acerca desse assunto, ver Löwy (2000).

3 Ortiz (1984: 164) afirma que Gramsci copiou essa definição de um manual de história da religião, sendo Turchi o autor da mesma. Todavia, Löwy (2005) afirma que ela é aceita e assumida por Gramsci.

Na concepção de Portelli (1984, p. 26), as religiões, ao tentarem abarcar todo corpo social, articulam-se em diferentes subconjuntos culturais ligados a diferentes grupos sociais. Dessa forma,

“a religião aparece nos Quaderni como um conjunto cultural particularmente complexo que levanta três tipos de problemas: aquele que toda ideologia levanta, ou seja, sua transformação de concepção do mundo em norma de conduta prática; aquele que a religião levanta como conjunto cultural que controla muitos grupos sociais: unidade intelectuais-massas, homogeneidade ideológica etc ...; Enfim, aqueles próprios da religião, essencialmente teóricos”.

Para ele, é o último problema que Gramsci foca para fazer sua crítica dos fundamentos éticos das religiões.

Nessa perspectiva, pode-se afirmar que Gramsci vê o cristianismo como a história do aparecimento, ascensão e declínio de uma “ideologia específica” e de seus intelectuais. Ele analisa as funções históricas desempenhadas pela Igreja Católica em cada período. Nesse sentido, a crítica gramsciana da religião se desenvolve na direção da caracterização do fenômeno religioso por sua contradição entre “materialismo prático e idealismo teórico”. Esse dualismo religioso é constantemente criticado por Gramsci e constitui o cerne de sua análise acerca desse fenômeno na sociedade.

O público “crê” que o mundo exterior seja objetivamente real, mas precisamente neste ponto surge o problema: qual é a origem desta ‘crença’ e que valor crítico ela tem “objetivamente”? De fato, esta crença é de origem religiosa, mesmo se quem participa dela é religiosamente indiferente. Dado que todas as religiões ensinaram e ensinam que o mundo, a natureza, o universo, foi criado por Deus antes da criação do homem e, portanto, que o homem já encontrou o mundo pronto, catalogado e definido de uma vez por todas, esta crença tornou-se um dado férreo do “senso comum”, vivendo com a mesma solidez, ainda quando o sentimento religioso está apagado e adormecido (GRAMSCI, 2001, p. 155).

Como afirma Ortiz (2006, p. 99),

A religião, para ele, é uma concepção de mundo que interpreta a realidade (elabora uma versão), permite aos fiéis nela atuar segundo uma determinada ética, mas simultaneamente os agrega no interior da mesma comunidade. Essa idéia atravessa as

páginas dos Cadernos do cárcere, sintetizada na afirmação de que o catolicismo é o ‘intelectual orgânico’ da Idade Média.

Entretanto, Portelli (1984, p. 31) esclarece que a idéia da religião como “ópio do povo” é constante nos Cadernos. Afirma também que Gramsci teve interesse, sobretudo, na religião como “norma de conduta prática”. “Deste ponto de vista, a religião pode conduzir a atitudes totalmente opostas: a ativa e progressista do cristianismo primitivo ou do protestantismo, ou a passiva e conservadora do cristianismo jesuitizado”. Por esse motivo, Gramsci (2001) preocupou-se também em analisar a Igreja como aparelho ideológico. Segundo Portelli (1984, p. 42), o “estudo da Igreja como aparelho ideológico permite, pois, compreender o segundo aspecto essencial do fenômeno religioso: o dos intelectuais religiosos e de suas relações com o aparelho de Estado”. Assim, Gramsci nos fornece dois instrumentos conceituais necessários para o estudo das funções históricas de uma determinada igreja na sociedade, a saber, a idéia de religião como uma forma de ideologia específica e a idéia da denominação religiosa como aparelho ideológico.

Por fim, é importante ressaltar que os estudos religiosos de Gramsci (2001) representam uma análise crítica da função prática da ideologia religiosa e dos meios de combatê-la ou mesmo neutralizá-la na sociedade. Sua noção da religião é muito ligada à idéia de ideologia, mas não como um conjunto homogêneo e sim subdividido em sub-religiões de acordo com os grupos sociais nos quais está inserida. Na visão deste autor, toda religião é na realidade uma multidão de religiões distintas e frequentemente contraditórias. Portanto, não há em Gramsci uma teoria geral de crítica à religião, pois a análise é feita a partir da “função histórica” do fenômeno religioso em determinado contexto histórico, sendo ela uma forma particular de ideologia, um fenômeno permanente na sociedade.

Pontos de convergência

Introduzidos os autores a partir dos conceitos utilizados para os estudos em sociologia da religião, apresentam-se neste momento os principais pontos de articulação entre Weber e Gramsci. Parte-se do pressuposto de que os conceitos de cultura e ideologia são instrumentos importantes para os estudos de religião e ampliam sua eficiência como instrumentos de análise quando são utilizadas em conjunto. A principal referência para tal afirmação está na análise que Durham (1984) faz desses conceitos e na sua tese de que há uma sobreposição de ambos na pesquisa social.

Gramsci é empregado na análise de Durham (1984) como alternativa metodológica para confirmar sua tese da permeabilidade de cultura e ideologia. Por isso, é necessário apresentar a contribuição gramsciana para o tema, já que esse autor estabelece de forma original uma relação dialética entre infra-estrutura e superestrutura que serve como base para o entendimento da influência da superestrutura religiosa na sociedade.

Ao preservar o conceito de cultura na análise do simbolismo e da significação na ação humana e o conteúdo político do conceito de ideologia, Durham busca na teoria social de Gramsci a base para seus estudos. Ela afirma que Gramsci é o autor marxista “que demonstrou maior sensibilidade e se preocupou mais profundamente com os fenômenos culturais”. Há uma superação do economicismo presente nas interpretações marxistas tradicionais e uma forma de utilização fluída e ambígua dos conceitos que são vistos como positivos por tratarem de temas importantes e preservarem “uma riqueza de percepção para a qual não existe ainda uma teoria adequada” (DURHAM, 1984, p. 81). Dessa forma, Gramsci superou o reducionismo das interpretações sobre as manifestações culturais na sociedade. Ele subordina a análise da ideologia ao conceito de hegemonia, central em suas interpretações, permitindo uma explicação mais ampla do significado da luta de classe na sociedade e evitando a clássica oposição falso-verdadeiro. Sua pergunta era: como se pode produzir uma ideologia que seja instrumento de mobilização e organização na luta contra as formas de dominação? Segundo Durham, “Gramsci realiza, portanto, um rompimento radical com a tradição marxista vulgar ao recolocar, desse modo, a relação ciência-ideologia” (DURHAM, 1984, p. 82).

Sobre os elementos da contribuição de Durham, pode-se afirmar que, ao preservar o elemento cultural e ratificar o conteúdo político do conceito de ideologia na análise do simbolismo e da significação na ação humana, a autora fornece uma chave significativa para a análise dos fenômenos religiosos na sociedade moderna. Nessa perspectiva, a cultura possui uma referência geral, servindo de instrumento de análise e comparação de sociedades de tradições históricas diversas; e a ideologia é o instrumento para analisar aspectos políticos e sociais da própria sociedade do investigador. O estudo de Durham tende a atribuir um peso decisivo à socialização. Seu texto conduz a idéia de uma totalidade cultural em cada sociedade, sendo a cultura sempre organizada num conjunto de elementos coerentes complementares entre si. Portanto, o ser humano vive num universo simbólico criado por ele, com valores que

são administrados por meio da socialização. Em outras palavras, os indivíduos estão inseridos num determinado sistema cultural que, por sua vez, compõe o conjunto de uma determinada sociedade permeada por diversas ideologias (ou visões de mundo).

Em Ortiz (1980) podemos destacar as contribuições de Gramsci e Weber para uma teoria da religião e identificar os pontos de convergência existentes entre duas formas de análises específicas. Gramsci (2001) apresenta elementos significativos para a interpretação do fenômeno religioso que coincidem em grande medida com a análise weberiana. Ortiz (1980) destaca três aspectos de ambas as análises que coincidem em seu resultado por desenvolverem caminhos parecidos, a saber: a problemática do poder na esfera religiosa, a característica autônoma do fenômeno religioso e a idéia do monopólio dos aparelhos ideológicos.

Enquanto que para Gramsci o exercício do poder na esfera de dominação religiosa significa uma imposição material e ideológica de uma classe sobre a outra e para Weber o que há é um simples exercício de autoridade sobre um sujeito individualizado, a problemática do poder, mesmo de maneira diferenciada, tem um ponto de articulação entre ambos. Gramsci analisa a disputa entre religião e Estado, Weber entre ortodoxia e heterodoxia, sendo que em ambos a disputa se dá em torno da conquista do poder. Gramsci possibilita o entendimento dessa relação de poder concebendo o ser humano enquanto um sujeito político pertencente a um processo histórico específico e não como simplesmente ator ou agente social. Entretanto, a noção de compreensão da realidade de Weber e seu esquema explicativo extraído das relações interindividuais permitem compreender o pluralismo que há nas explicações acerca da religião com relação à dinâmica de poder. Por isso é possível entender a lógica da religião ora agindo sobre a economia ora sendo influenciada por ela. Em suas análises, Weber e Gramsci apresentam o fenômeno religioso como força de transformação e também de estagnação da ordem social e econômica.

Na análise de Gramsci (2001), a religião é uma visão de mundo formada por um todo homogêneo que é reinterpretada segundo as classes e os grupos sociais. Weber também diferencia a religião segundo os grupos sociais, definindo que a esfera religiosa é autônoma, mas não independente do mundo econômico. Todavia, a partir da idéia de autonomia da religião, Weber procura compreender a prática e a mensagem sacerdotal, identificando uma homologia entre estrutura religiosa e social: a ideologia religiosa fundamenta a ordem social que encontra sua legitimação no universo religioso. Gramsci identifica a Igreja como uma instituição pertencente à

sociedade civil, portanto, que participa de seu jogo de poder. A igreja, essa empresa sacerdotal racionalmente organizada da administração dos bens da salvação, legitima e justifica as desigualdades sociais por intermédio de uma cosmologia divina. Estabelece o conformismo e a eliminação das lutas e conflitos sociais. Também Weber, ao acentuar suas estratégias de poder, vê a organização religiosa como essencialmente conservadora. O que esse autor chama de domesticação das massas, no qual, sob o manto da Igreja, se acobertam todas as camadas tradicionalistas, os marxistas definem como ópio do povo, com a afirmação gramsciana de que “a Igreja se transforma em intelectual tradicional do regime burguês”.

Para Ortiz (1980, p. 148-149), “A ênfase que Weber coloca na problemática da legitimação, relega frequentemente para segundo plano, a possibilidade da religião atuar enquanto elemento de transformação social. (...) Gramsci tem uma visão mais complexa do problema; (...) recusa encerrar a análise da religião em termos de alienação”. Significa que Gramsci considera a possibilidade da religião adquirir uma função progressista no seio da sociedade, pois para ele as possibilidades de conservação e de transformação são inerentes ao conceito de hegemonia.

Ortiz (2006, p. 98) também chama a atenção para o fato de que “Gramsci, como Weber, estuda em detalhe o papel dos intelectuais, seu cosmopolitismo (incentivado pelo papado) em relação à fragmentação do poder feudal, sua intolerância diante da ameaça herética à unidade da Igreja (São Francisco de Assis e o culto à pobreza)”. Assim, a análise do fenômeno religioso na esfera das relações de poder permite, ao utilizar a teoria weberiana de análise, empregar elementos do marxismo gramsciano que ampliam o foco no estudo dessa problemática, associando a religião aos movimentos históricos e apresentando-a como ideologia, visão de mundo religiosa, presente numa determinada sociedade.

Considerações finais

O ponto central da utilização proposta neste artigo está na existência de permeabilidade entre os conceitos de cultura e ideologia. Em Durham, encontram-se os argumentos que possibilitam a utilização conjunta destes conceitos na análise social. O conceito de cultura utilizado é o definido por Weber, que o vê como um segmento finito, como o elemento que dá significado a um determinado aspecto do social; e o conceito de ideologia utilizado é o definido por Gramsci, uma visão de mundo, sendo a igreja um aparelho ideológico. Dessa forma, é possível utilizar Weber e sua idéia de cultura como instrumento para o estudo e comparação entre as organizações religiosas

na sociedade e Gramsci e sua idéia de ideologia como instrumento para a análise dos aspectos políticos da religião.

A partir desta articulação, podem-se estabelecer alguns pontos de convergência entre os autores em voga na pesquisa sobre religião, necessária pelo fato de Weber, embora apresentar uma análise muito completa da ação religiosa, restringir sua visão ao não perceber as relações existentes entre as esferas sociais e suas próprias contradições (por exemplo, a esfera política e suas diferentes posições). Em contrapartida, Gramsci dá sua contribuição ao analisar o catolicismo não como um campo monolítico, mas atravessado pelos conflitos presentes na sociedade. Utilizados de forma conjunta, suas teorias permitem a utilização dos conceitos de cultura e de ideologia, ampliando, assim, as possibilidades de análise do fenômeno religioso.

Bibliografia

- COHN, Gabriel. *Weber: sociologia*. São Paulo: Ática, 1986.
- DURHAM, Eunice R. “Cultura e ideologia”. In: *Dados - Revista de Ciências Sociais*, vol. 27, nº 1. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1984, p. 71-89.
- FRIGÉRIO, Alejandro (org.) *Ciências sociales y religion en el Cono Sur*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1993.
- GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*, vol 4. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- LÖWY, Michel. “Marx e Engels como sociólogos da religião”. In *Revista Idéias*. Campinas-SP: Unicamp, 1996.
- _____. *A guerra dos deuses: religião e política na América Latina*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000.
- _____. “Marxisme et religion: Antonio Gramsci (1891-1937)”. In *Sociologie et Religion: approches dissidentes*. Paris: Presse, 2005.
- ORTIZ, Renato. *A consciência fragmentada*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- _____. “Notas sobre Gramsci e as Ciências Sociais”. *Rev. Bras. Ci. Soc.*, out., vol. 21, nº 62, 2006, p. 95-103.
- PORTELLI, Hugues. *Gramsci e a questão religiosa*. São Paulo: Paulinas, 1984.
- RINGER, Fritz K. *A metodologia de Max Weber: unificação das ciências culturais e*

sociais. São Paulo: EDUSP, 2004.

WEBER, Max *A ética protestante e o "espírito" do capitalismo*. São Paulo: Cia da Letras, 2005.

____ *Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*, vol. 1. Brasília: UNB, 2004.